

VILÉM FLUSSER

Os dois rios.

Depois das eleições os jornais francezes publicaram mapas da França que reproduzem o resultado: para Mitterrand superficies claras, para Giscard escuras. Isto fornece imagem especifica da França: Mitterrand ocupa o norte e sul Giscard o oeste e leste. Tais mapas são exemplos do problema fundamental estruturalista: "como lêr textos?". O presente ensaio proporá duas leituras. E par salientar o problema, focalizará a leitura sôbre duas paisagens apenas: os vales da Loire e da Dordogne, duas das mais belas paisagens da terra.

Eis a primeira leitura: A Loire votou Giscard, porque o doce jardim da doce França é conservador até as suas raizes. Tal conservativismo é o doce fruto de contradições amargas. Aqui os druidas resistiam aos romanos. Aqui os germanos derrotaram os hunos e mouros. Aqui o feudo germanico e o latifundio montico latino se confrontavam durante séculos, e aqui os normanos inglezes e os francos francezes se livraram guerra de cem anos. Aqui se desenrolou o drama acreditável entre Jeanne d'Arc e a Sorbonna, e aqui foram subjugados e absorvidos os protestantes de Saumur e Nantes em catolicismo heretizante. De tal dialéctica milenar nasceu o colar de pérolas dos castelos da Loire durante o Renascimento. O espirito da moderação civilizada sem par nò Ocidente que aqui sopr é sintese de opostos superados, e é por isto que a Loire é giscardiana.

A Dordogne votou Mitterrand porque o mais esplendido dos rios é radical até as suas raizes insondavelmente profundas. Aqui é a patria de nos tódos. Ntas cavernas o Cro-Magnon ousou a mais profunda das revoluções: fez-se homem, Lascaux o prova. Aqui os iberos e os celtas obstinadamente recusavam não apenas a civilização tout court, mas também se recusavam uns aos outros. Aqui em Aucl os auscos lideravam a rebelião anti-cristã, e aqui em Brantôme Carlos Magno procurou em vão sufocar a rebelião ariana dos visigodos. Aqui em Moissac a revolução monástica de Cluny deu os seus frutos mais impressionantes, e aqui em Albi se travou a guerra mais feroz que desmascarou a ortodoxia romana: "matem tódos Deus escolherá os seus!". Graças a tal radicalidade esplendida e orgulhosa a Dordogne é mitterrandiana.

Eis a segunda leitura: A Loire suave, larga e rasa, em cujas ilhas pastas vacas e as ovelhas suaves, em cujas amplas curvas floresce o aspargo suave, em cujas margens suaves é colhido o champiñon suave, e em cujas ondas suaves: espelham os graciosos castelos, é, por sua essência, giscardiana. E a Dordogne violenta, estreita e funda, cujas rochas violentas vedam acesso, cujo vinho amargo faz o sangue ferver, cuja lingua feroz, (o "ocitano"), se recusa a ser francezada, e cujas fortalezas elevam suas torres violentemente contra o céu, é, por sua essência, mitterrandiana.

E as duas leituras podem ser sincronizadas destarte: A geografia radical da Dordogne produziu o ser radical chamado Homem, e preservou tal radicalidade até os nossos dias. A geografia conservadora da Loire purificou o ser radical chamado Homem, tornou-o culto, e preservou tal elegância até os nossos dias. Inversamente a historia da Dordogne preservou a radicalidade da sua paisagem até hoje, e a historia da Loire transformou sua paisagem na mais elegante do mundo. De modo que paisagem e resultado das eleições são dois lados da mesma meda

VILÉM FLUSSER

As duas leituras propostas decifram o texto proposto. Mas será que o decifram em profundidade? Sabemos, por outras leituras, que a mensagem do texto proposto, (dos mapas na imprensa), é aterradora. Esta: a França, a Europa, o Ocidente e o mundo estão divididos em duas metades opostas, e entre as duas metades está se abrindo abismo. É esta a mensagem dos mapas. Por quê as nossas leituras parecem escondê-la? Comparem-nas com a seguinte leitura: "Giscard" é tecnicismo avançado isento de valores, e "Mitterrand" é humanismo em vias de ser ultrapassado tecnicamente. Mas técnica e humanismo são inseparáveis porque é o humanismo que indica as metas da técnica, e é a técnica que garante a existência do humanismo. Se os dois se separam, todas as medidas se perdem. "Giscard" e "Mitterrand" são, ambos, desmedidos, anormais, enormes. E o são, porque nós, cada qual entre nós, está internamente rompido em metade giscardiana e outra mitterrandiana. Fal ruptura e perda de medida, chamada "hybris" e "pecado contra o espírito" pelos antigos, e "alienação" pelos atuais, eis o verdadeiro recado dos mapas. Por quê não transparece pelas nossas leituras?

As nossas leituras "explicam". "Interpretam". Historicamente uma, geograficamente a outra. A segunda é mais interessante que a primeira, porque, curiosamente, não dispomos de "filosofia da geografia" comparável à filosofia da história, (marxista ou outra). Mas ambas explicam e interpretam à base de chave preconcebida. Violentam o texto ao inseri-lo em camisa-de-força. Mas podem ser libertadas. Podemos ampliá-las e aprofundá-las. Por exemplo sob esta forma:

O mapa da França tal como aparece nos jornais, (e, por extrapolação o mapa mundi tal como transparece pelas notícias nos jornais), é mapa de uma Dordogne imensa, com curso invertido. E todas as Loires do mundo aparecem em tal mapa desviadas do mar e correndo em direção da Dordogne enorme. Em vez de se unirem os dois rios para depois se superarem em novo rio mais grandioso ainda, tendem a misturar-se para depois se separarem. Destarte todas as Loires se falsificam e passam a ser enormidades. A sua elegância é caricatura. E a Dordogne monstruosa, devoradora das Loires, corre agora em direção do Cro-Magnon e além dele para direções imensas do desumano, (isento de medidas e valores). O mapa da França, (e o mapa mundi), se lido pelas nossas duas leituras assim ampliadas, passa a ser texto que decifra a nossa situação como progressiva perda da dignidade do Homem.

O problema fundamental estruturalista é grave: devemos re-aprender a lêr mapas, e, a fortiori, a lêr o nosso contexto todo. Novos métodos de leitura precisam ser encontrados. Porque contemplar o mundo enquanto contexto legível, portanto compreensível e alterável: não será isto aspecto da dignidade humana? E não será este o desafio que os dois rios nos lançam?